



SEÇÃO: ENSAIOS

Poemas “inventados por um programa que nunca existiu”¹

Poems “invented by a program that never existed”

Violante F. Magalhães²

orcid.org/0000-0002-1383-6806
violantemagalhaes@gmail.com

Recebido em: 9 jan. 2020.

Aprovado em: 25 maio 2021.

Publicado em: 18 agos. 2021.

Resumo: Os dezassete volumes do Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa, do Instituto Piaget, publicados desde 1990 até 2014, incluem um milhar de textos de crianças com idades compreendidas entre os dois e os seis anos. Neste artigo, darei nota da minha leitura desta produção poética, ilustrando-a com meia centena daqueles textos. Viso compreender a expressão poética da infância, tomando como referência os principais temas expostos (que contemplam vivências, sensorialidades, sentimentos, ideações), bem como os tópicos literários para que apontam os textos. Atentarei, ainda, no modo como o *eu* poético é revelado. No decorrer da minha análise, realço elementos de natureza estética e a inventividade que caracteriza a poesia infantil.

Palavras-chave: Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa. Escrita infantil. Poesia.

Abstract: The seventeen volumes of Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa, from the Instituto Piaget, published from 1990 to 2014, include a thousand texts written by children aged between 2 and 6 years. In this article, I will note my reading of this poetic production, illustrating it with half a hundred of those texts. I aim to understand the poetic expression of childhood, taking as a reference the main themes exposed (which include experiences, sensorialities, feelings, ideations), as well as the literary topics to which the texts point. I will also look at the way in which the poetic self is revealed. In the course of my analysis, I highlight elements of an aesthetic nature and the inventiveness that characterizes children's poetry.

Keywords: Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa. Children's writing. Poetry.

Introdução

No âmbito do Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa, do Instituto Piaget (projecto iniciado em 1989 e previsto para 30 anos), foram publicados até 2014 dezassete volumes,³ que contêm textos da autoria de crianças e jovens de países de língua portuguesa.

Reunidos por grupos etários – até aos 6 anos (Grupo I), dos 7 aos 11 anos (Grupo II), dos 12 aos 15 anos (Grupo III), dos 16 aos 20 anos (Grupo IV)⁴ –, todos os textos foram submetidos a sucessivos concursos poéticos do Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa e, criteriosamente, seleccionados por um júri “constituído por especialistas em literatura, psicólogos, educadores e artistas” (CIJ, 2014, v. 17, p. 6). Há, assim, um espólio à espera de ser revisitado e, porventura, analisado sob diversas perspectivas.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Dedico este artigo a Antonio Oliveira Cruz.

² Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa (ULisboa), Lisboa, Portugal.

³ Estes livros do “Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa” serão adiante referenciados por CIJ (com indicação subsequente do ano e do número do respectivo volume e página).

⁴ Há ainda lugar a uma pequena secção com textos do Grupo V (dos 21 anos em diante), que maioritariamente tematizam a infância.

A inclusão de textos da autoria de crianças com idades compreendidas entre os dois e os seis anos (Grupo I) procura comprovar, como reconhece o próprio Instituto Piaget, a "expectativa-hipótese de que a expressividade/produção poética [...] evolui ao longo da existência, e desde as fases iniciais desta" (CIJ, 1990, v. I, p. 5). Em cada um dos referidos dezassete livros há textos produzidos por crianças do Grupo I. Como a selecção foi sendo feita em função do número de textos enviado ao longo dos concursos do Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa, a quantidade de textos de cada Grupo varia de volume para volume. No caso do Grupo I, há alguns livros com apenas duas dezenas de textos,⁵ enquanto outros ultrapassam a centena e meia.⁶ O total de textos do Grupo I incluídos nos dezassete volumes atinge o milhar; esse quantitativo dá noção da indubitável riqueza deste espólio e do seu potencial de investigação.

Em boa hora, adultos (educadores de infância, familiares ou outros) decidiram-se a registar por escrito e enviar ao concurso o que ouviram a criança pequena dizer. Como bem advertia Mikel Dufrene (1973, p. 70), a actividade poética tem muito mais a ver com a fala do que com a escrita, sendo a língua falada a verdadeira matéria do poema e a escrita o seu suporte. E, independentemente de ser polémico o reconhecimento literário de produções da autoria de crianças com dois a seis anos de idade, há nos textos do Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa um inusitado olhar, no qual "não podemos deixar de reconhecer singularidades poéticas e discursivas. As próprias características da infância (os modos de pensar, agir e dizer) coincidem, muitas vezes, com procedimentos retóricos usados na literatura, em particular na poesia" (MAGALHÃES, 2018, p. 212).

No presente artigo, tomo por referência as produções do Grupo I inseridas no conjunto dos dezassete volumes e procuro compreender a expressão poética da infância, compulsando os principais

temas trazidos a lume e analisando o modo como o *eu* poético é revelado. Ilustro as minhas observações com uma meia centena de poemas, número correspondente a 5% dos textos compulsados, nos quais destacarei elementos de natureza estética.

1 Temas e tópicos literários

Começamos pelo tema da vida; para lhe dar substância através da linguagem, o sujeito poético activa a memória, como, de modo categórico, é afirmado neste verso: "A minha vida é uma memória".⁷ Por certo, a primeira memória convocada para nos conhecermos e nos darmos a conhecer está articulada com a origem da vida. Atentemos, por isso, neste poema:

A MINHA HISTÓRIA

Andei dentro da barriga
da minha mãe...
Um dia, o médico
cortou aquela barriga
e... zás!
EU NASCI!⁸

Nestes versos não há adjectivos, há três formas verbais ("andei"; "cortou"; "nasci") e o acto do nascimento é expresso com a enfática onomatopeia "zás". O título anuncia a atitude narrativa do enunciador (que vai contar uma "história"). Depois de explicada a imersão uterina, o sujeito associa à expressão comum às grandes narrativas "Um dia" (qual "era uma vez"...), o acontecimento maior, aquele que determina a sua "história", pessoal, única e intransmissível – a chegada à vida. Fica afirmada, pois, a importância do nascimento na constituição dos sujeitos; e comprovado que, na incessante busca sobre a origem da vida, há outra personagem principal: a mãe.

A memória/imaginário da vida intra-uterina, do aconchego materno, a idealização da mãe – evocada pelo referencial ou representada por símbolos (em especial, pelo símbolo da lua, uma lua protectora, serena) e o correlativo motivo do amor filial povoam cada livro deste Cancioneiro. Há

⁵ Caso do volume II, *Trouxe-te um beijo no bolso*, com 24 textos.

⁶ Caso do volume XVII, *As pessoas são sementes que crescem e não precisam de vento para mexerem*, com 166 textos.

⁷ João Pedro Vitorino, 3 anos. Sobral de Monte Agraço (CIJ, 2008, v. XIII, p. 38).

⁸ Filipe, 5 anos. Infantário do Centro Paroquial de Sanfres, Santa Maria da Feira (CIJ, 1990 v. I, p. 9).

uma espécie de biografia sentimental de relação do sujeito com a figura materna, que passa por afirmações veementes como a feita neste poema:

MÃE

Eu
moro
na minha mãe.⁹

Derivando os temas literários de uma hierarquia de sentimentos, é compreensível esta celebração; mas a insistência feita em todos os volumes pede estudos que aprofundem tal circunstância, anunciada de forma sincrética nestoutro poema: "Mãe és o meu segredo".¹⁰

E porque o pai também é convocado em número considerável de textos – por exemplo, neste encantador "O pai limpa o escuro"¹¹ (metáfora com que se diz o pai protector, que afasta medos) –, o tema da vida revela-se indelevelmente ligado a um outro tema: o da família. Neste *corpus* poético, a família é pilar na fruição da vida, na construção da identidade do *eu*, na criação de um "mundo" que completa o sujeito e que este vem completar, como a enumeração feita nestes versos tão bem o diz:

O nosso mundo é o pai e a mãe;
o nosso mundo é o pai e a mãe
e os filhos e filhas.¹²

Mas o tema da vida liga-se também ao da passagem do tempo. Dificilmente tal correlação seria melhor evidenciada do que no poema que transcrevo abaixo. Nele, para além da expressividade obtida pela redundância dos versos anafóricos "crescer e fazer anos", joga-se com a expressão-comum da linguagem do quotidiano "é assim a vida":

A vida é...

Crescer e fazer anos
crescer e fazer anos
crescer e fazer anos
é assim a vida!¹³

É na cadência desse crescimento que um outro tema aflora: o da infância. Como que actualizando o tópico literário das *idades do homem*, essa fase e, em contraponto, as fases da adultez e da velhice vão surgindo em surpreendentes metáforas em todos os volumes.

Para evocarem a infância, estes autores-meninos dizem o que são: "As crianças são pessoas.../ só que ainda não cresceram".¹⁴ Dizem também o que fazem, por exemplo, socorrendo-se do verbo "brincar" – o que seria trivial, não fora a associação do verbo ao espaço onde a acção se desenrola ("Ser criança é brincar *no chão*",¹⁵ grifo meu). Até a figura literária da paródia se mostra em versos que conciliam realidades contrapostas, gerando um paradoxo: "Eu gosto muito de brincar/ ao a sério".¹⁶ Texto a texto, seguimos também o modo como a infância descobre habilidades socioculturais: "Já sou capaz de ler os bonecos".¹⁷

No lote de textos em torno do tema da infância ecoam dois tópicos literários: o da *Aurea mediocritas*, ou seja o da vivência tranquila de quem se contenta com o que tem, como os versos anteriores ilustram, e o do *Carpe diem*, pois que nenhum momento pode ser desperdiçado. Soberanamente o comprova este poema: "De dia, sou feliz./ à noite, estou a dormir...".¹⁸

Por seu turno, a adultez é celebrada não com o recurso a verbos de acção mas a nomes. Veja-se este verso: "Os homens são a magia dos palhaços".¹⁹ Muito provavelmente, o nome "magia" é tão do agrado do autor empírico, quanto do complemento indirecto da frase ("os palhaços"); sucede

⁹ Tiago, 2 anos. Associação Juvenil A Bogalha, Braga (CIJ, 1990, v. I, p. 9).

¹⁰ Inês Leite, 4 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Mirandela (CIJ, 1996, v. VII/ VIII, p. 99).

¹¹ Afonso Alves Couvaneiro, 2 anos. Seixal (CIJ, 2010, v. XV, p. 15).

¹² Daniela Alice Proença Lopes, 3 anos. Portalegre (CIJ, 2000, v. X/ XI, p. 39).

¹³ Cláudia Inês da Silva Guerra, 4 anos. Lisboa (CIJ, 2000, v. X/ XI, p. 44).

¹⁴ André Rodrigues, 6 anos. Miratejo (CIJ, 1996, v. VI, p. 45).

¹⁵ Bianca Nascimento, 3 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, S. João da Talha (CIJ, 2014, v. XVII, p. 34).

¹⁶ Ana Rita dos Santos Rodrigues, 4 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, S. João da Talha (CIJ, 1996, v. VII/ VIII, p. 70).

¹⁷ Paulo Ricardo, 3 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Vila Nova de Santo André (CIJ, 2003, v. XII, p. 55).

¹⁸ Margarida Correia Almeida, 6 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Vila Real (CIJ, 1996, v. VII/ VIII, p. 149).

¹⁹ José Ricardo Miranda, 5 anos. Externato Rainha Santa, Charneca da Caparica (CIJ, 2003, v. XII, p. 99).

que a frase funciona como reflexiva, porque são os “homens” (os adultos) quem gera situações que o palhaço aproveita mimeticamente. Há também a tentativa – deliciosa, acrescento – de se apreender sentimentos vividos pelos adultos (no caso seguinte com que exemplifico, o sentimento do amor marital), por comparação com o sentimento provavelmente mais aproximado na vivência infantil (o da amizade): “Os namorados/ são amigos de casamento”.²⁰

Quanto ao tema da velhice, ele aparece de modo particularmente gentil em textos sobre avós, por exemplo, salvaguardando, num silogismo perfeito, como ser velho não significa ser “estragado”:

Pelo caminho, vi um ferro velho, e o ferro velho tem coisas velhas e as coisas velhas são coisas estragadas.
A avó é velhinha mas não é estragada!²¹

Ao tema da vida e ao da passagem do tempo alia-se o da morte. Em “Crescer”, que tem este tema, como que são sintetizadas as observações feitas até ao momento:

CRESCER

A mãe ontem era bebé
depois ficou grande
e foi para casa dela ser mãe.
Os outros também eram bebés
e agora são tios, avós, primos.
Ficam muito tempo sempre velhos,
depois ficam mais velhinhos
e depois morrem.²²

Aqui são encadeados a chegada à vida e o crescimento (“A mãe *ontem* era bebé”/ depois ficou grande”); a adultez e a maternidade (“e foi para casa dela ser mãe.”); a origem, o crescimento e o enquadramento dos demais familiares (“Os outros também eram bebés/ e *agora* são tios, avós, primos.”); o estado adulto, apresentado na perspectiva do olhar infantil... (“Ficam muito tempo *sempre* velhos”); a velhice (“depois ficam mais velhinhos”) e, por fim, a morte (“e depois morrem”) (grifos meus). O polissíndeto resultante do uso por

três vezes da conjunção “e” associada aos advérbios “ontem”, “agora” e “sempre”, determinam, por conseguinte, o passado, o presente e... o futuro.

Outro tema de preponderância inegável nos dezassete volumes é o da natureza. Por vezes, esta é espelho de cenas familiares, por exemplo, quando a lua simboliza a mãe, o sol o pai, ou quando, num processo de personificação, elementos da natureza acabam por assumir relações de parentesco (“A chuva e as trovoadas são primas da noite”²³). A esses textos somam-se os muitos em que o referente é um dos elementos da natureza, poetizado com uma espécie de deslumbramento (comovente, apetece dizer).

Os elementos *terra* e *ar* têm forte presença. A um número imenso de poemas que convocam areia, árvores, rochas, relva, pedras, elementos esses normalmente antropomorfizados e marcados pela sua estabilidade, juntam-se os que insistem na observação do céu e das nuvens, das estrelas e da lua, do vento e do nevoeiro, estes marcados por movimentos tão inquietos quanto leves, como comprovamos neste belíssimo poema:

NEVOEIRO

É o frio
a fazer fumo
e a dançar.²⁴

Embora raro, o elemento *fogo* também aparece, na maioria das vezes, simbolizado pelo sol (relacionado com o calor intenso). Quanto ao elemento água, ele tem primazia – eventualmente metaforizando o ventre materno. Mas, os referentes mar, rios, chuva, água (que corre, que se observa ou se toca) são insistentemente convocados e com eles se revela o *eu* lírico. A lembrar o tópico literário intemporal do *Locus amoenus*, a paisagem vai sendo descrita num emaravilhamento e relacionada com os sentimentos vividos pelo sujeito. Escolho como exemplo do que afirmo o magnífico poema “A chuva”:

²⁰ Areana Semedo, 6 anos. Externato Rainha Santa Isabel, Coimbra (CIJ, 2000, v. X/ XI, p. 94).

²¹ Maria João, 5 anos. Ramalhal (CIJ, 1992, v. IV, p. 41).

²² Mafalda, 5 anos. Colégio Chi Coração, Leiria (CIJ, 1996, v. VII/ VIII: 114).

²³ Raquel Balhote, 3 anos. Externato O Cavalinho, Sassoeiros (CIJ, 1996, v. VII/ VIII, p. 41).

²⁴ Tânia Vanessa G. Faria, 4 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Galinheiras (CIJ, 1996, v. VII/ VIII, p. 57).

A chuva é boa,
mas fecha as portas da praia
e as cigarras não cantam.²⁵

A chuva é aqui adjectivada pela generosidade ("é boa") – inferimos que numa contaminação com o *eu* lírico. Contudo, ela "fecha as portas da praia" – metáfora expressiva com que é dito o fim do verão – e, sem tempo quente, as cigarras não cantam. O sujeito é também ele impedido de fruir a praia, de ouvir o canto estridente das cigarras. *A contrario*, tal lamento é quase "audível", pois o poema apresenta um som de sussurro, fruto da aliteração resultante dos sons da sílaba inicial de "chuva" e da final de "fecha", e dos sons finais das palavras "portas [da]" e "cigarras [não]". Há, por conseguinte, uma harmonia entre a qualidade fónico-rítmica destes três versos, a sua simplicidade sintáctica e a poeticidade que eles comportam.

Quem sabe se a preponderância da natureza, qual *teatro do mundo*, não se deve à necessidade de opor aquele *Locus amoenus* ao mundo exterior, dos homens, por vezes tão desagradável? Razão têm, afinal, os mentores do *Cancioneiro*, quando, nas sucessivas apresentações dos volumes, ressalvam a capacidade de cidadania da criança, desde muito cedo. Com efeito, na diversidade de textos com abordagens sociais, há, por exemplo, os que têm por tema a guerra:

A guerra é uma coisa muito má.
Grande como a nossa escola.
E aonde os meninos têm pistola.²⁶

Outros há que referem o espaço geopolítico – caso deste, que usa frases do tipo zeugmático, de uma misteriosa beleza:

O teu país
é o teu sol
quando nasce
todos acordam.²⁷

Também o meio sócio-económico surge referenciado em diversos textos que trazem à colação a pobreza e a fome, revelando, assim, emoções sociais do sujeito, como sucede no texto que passo a transcrever e que se socorre, como acontecia no anterior, da metáfora do sol: "O sol/ dá para as crianças todas!"²⁸

Quanto ao meio sociocultural, ele é frequentemente evocado, quer focando festividades, como seja a do Natal ("O Natal é uma prenda que vamos descobrir"²⁹ – note-se a concreção do nome "prenda", num jogo de sinonímia) quer evocando artefactos culturais, como sucede no poema "Um livro é.../ Uma árvore de histórias",³⁰ o qual, num processo metonímico, joga sabiamente com a matéria (a árvore, matéria primária) e o objecto (a folha de papel, suporte das "histórias").

E por falar em livro, assinalo que o tema da reflexão metapoética é presença em muitos e interessantes textos, a pedirem análise.³¹ Neles perpassam reflexões sobre o sentido da poesia e sobre o labor poético, comparando-os à natureza, a sons, cores. Para ilustrar este tema, deixo o extraordinário e enigmático verso "Poesia é uma coisa que não é a mesma coisa mas é igual."³²

Outros temas e tópicos podem ser encontrados nos livros do *Cancioneiro*. Mas gostaria agora de me debruçar sobre os modos de revelação do *eu*, visto que o acto poético não se enraiza "no anseio ou na necessidade de descrever o real empírico, físico e social, circunstante ao *eu* lírico" (SILVA, 1990, p. 193). O acto poético é, sim, como o disse Eugénio de Andrade (1981, p. 138), "o empenho total do ser para a sua revelação".

2 Modos de revelação do *eu*

Neste *corpus*, o *eu* revela-se pelos sentidos. Às sensações tácteis, como, e entre outras, a

²⁵ Guilherme Andrez José, 4 anos. Portimão (CIJ, 2010, v. XV, p. 11).

²⁶ Manuel António Gomes Moreira, 4 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Vila Real (CIJ, 2003, v. XII, p. 81).

²⁷ Ana Sofia Militão Morais Branco, 5 anos. O Rezingão, Queluz (CIJ, 1996, v. VII/ VIII, p. 141).

²⁸ Margarida Maúno, 3 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, S. João da Talha (CIJ, 2008, v. XIV, p. 15).

²⁹ Vasco Gabriel G. Perino, 3 anos. Associação Pró-Infância O Saltarico, Loures (CIJ, 2003, v. XII, p. 24).

³⁰ Cláudia Inês da Silva Guerra, 5 anos. Lisboa (CIJ, 2000, v. X/ XI, p. 78).

³¹ A complementar este conjunto temático, há textos que intentam uma experimentação de formas rimáticas ou que jogam intertextualmente com as rimas da literatura de expressão oral.

³² Beatriz Bruno Antunes, 4 anos. Atouguia da Baleia (CIJ, 2000, v. X/XI, p. 43).

que faz uma reinvenção verbal do nome "Inverno" ("Este gelado até inverna as mãos"³³), juntam-se sensações auditivas – no caso que escolho para exemplificar, ela é resultante de uma animização da chuva: "A chuva está/ a cantar no chão!".³⁴ Se recordamos que é no chão que a criança brinca, entenderemos como tal espaço é, afinal, imagem perfeita para dar conta da alegria do sujeito. Também vão surgindo sensações gustativas, como sucede no poema "Os meus olhos estão a brilhar/ da água que bebi",³⁵ exímio pela metáfora sensorial e afectiva que alcança, fruto da sinestesia que associa olhos e paladar. São, contudo, as sensações visuais que imperam. Talvez a explicação para tal nos seja dada nestes dois versos: "Nós não somos o nosso corpo./ Nós somos os nossos olhos".³⁶

Com efeito, o mundo exterior aludido, reflexo do interior (aquele que, não o esqueçamos, importa na poesia), parece ser apreendido sobretudo pelo olhar, atento à luz, ao brilho. Maioritariamente, evocam-se paisagens diurnas, dadas, por vezes, vertiginosamente, com apóstrofes exclamativas e hiperbólicas, como neste caso de, diria, autêntica celebração da natureza:

Olha o Sol
todo espalhado
no mar.³⁷

Mas está igualmente presente um universo nocturno, a que as estrelas e a lua, para além das simbologias que possam representar, vêm dar brilho. Veja-se este exemplo: "A lua está a tirar/ uma fotografia à noite".³⁸ Não se tratará apenas de dizer o fascínio por aquela espécie de *flash*; o sujeito pode sossegar, pois, apesar de ser escuro, tem a lua por vigilante (e com máquina fotográfica...). No sentido da visão, sobreleva todavia o encantamento pela cor. Em todos os volumes,

num número considerável de textos, tudo tem cor – do vento a um pingo de chuva: "O vento sopra branco/ e a chuva pinga azul!".³⁹

Para além dos sentidos, o *eu* revela-se-nos pelas emoções e sentimentos. E o Cancioneiro é fonte inesgotável para os detectarmos, já que eles surgem avassaladoramente, percorrendo um espectro que vai do medo ("O papão faz cócegas no escuro"⁴⁰) à amizade:

AMIGO É...

Um amigo que brinca comigo,
que me conta coisas das formigas,
dos dragões e das ovelhas.⁴¹

Recorde-se, a propósito deste poema, o tópico literário da *Vera amicitia*: o amigo é o que comunga alegrias com o sujeito ("brinca comigo"), o que compartilha saberes ("me conta coisas") – surpreendentes, admito-o.

Entre emoções e díspares sentimentos, são evidenciadas tanto a ira ("A minha irmã sabe dar beliscões,/ mas eu também sei algumas coisas"⁴²), quanto a mais delicada compaixão: "As flores precisam de miminhos de longe... senão partem".⁴³ Neste último verso, note-se a expressão de afecto dada pelo diminutivo empregue e, aproveitando o potencial lúdico da língua, o duplo sentido do verbo "partir" (o de quebrar e o de sair do lugar – sendo que o último sentido joga semanticamente com o advérbio "longe" que o antecede).

Do ponto de vista da interioridade do sujeito, a aguda consciência do pensamento mostra-se de forma insistente. De entre o vastíssimo conjunto de textos sobre o acto de pensar, selecciono este:

Pensar é...
mudar o que se está a
pensar!⁴⁴

³³ Gonçalo Bruno Cassola Gonçalves, 4 anos. Vila Franca de Xira (CIJ, 2000, v. X/XI, p. 45).

³⁴ Hugo Almeida, 3 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, S. João da Talha (CIJ, 2003, v. XII, p. 34).

³⁵ Tiago André Silva Brandão, 3 anos. Lisboa (CIJ, 2000, v. IX, p. 20).

³⁶ Martim Monteiro, 4 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Vila Real (CIJ, 2003, v. XII, p. 84).

³⁷ Catarina Filipe, 3 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Vila Nova de Santo André (CIJ, 2003, v. XII, p. 52).

³⁸ Bruno Miguel Conceição Grade, 2 anos. Sacavém (CIJ, 1992, v. IV, p. 9).

³⁹ Cátia, 4 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Caldas da Rainha (CIJ, 1996, v. VII/ VIII, p. 64).

⁴⁰ João Frederico, 3 anos. Externato A Abelhinha, Costa da Caparica (CIJ, 1992, v. IV/ V, p. 17).

⁴¹ David, 4 anos. Jardim de Infância A Palmeira, Cruz de Pau (CIJ, 1996, v. VII/ VIII, p. 88).

⁴² Pedro Miguel Correia, 3 anos. Auxílio Maternal do Funchal (CIJ, 2000, v. X/ XI, p. 29).

⁴³ João Pedro Aires Gomes, 4 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Mirandela (CIJ, 2014, v. XVII, p. 74).

⁴⁴ Filipe Martins, 4 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, S. João da Talha (CIJ, 2000, v. X/ XI, p. 47).

Pensar é inflectir; é, afinal, repensar. E nessa dialéctica, vão surgindo observações assertivas sobre supostas evidências, sejam elas conceitos, como os de verdade e mentira ("A minha mãe não me disse *essa* verdade",⁴⁵ grifo meu), sejam factos do mundo exterior, que, embora dados por adquiridos, pedem meditação posterior: "Há muitos relógios diferentes, mas as horas têm que ser iguais".⁴⁶ Como prevenia a escritora Maria Alberta Menéres (1984, p. 9), que honrou este projecto ao fazer parte de um dos júris do Cancioneiro, a poesia é, também, "uma maneira de olhar o mundo. É uma forma de atenção a tudo". Comprovamo-lo nestes exemplos.

O sujeito revela-se também pelo sonho – outro tema recorrente neste *corpus*. Dado o número significativo de poemas que tematizam o sonho, limito-me a citar um deles – o qual, porventura, contém parte da explicação para tão obsidiante presença: "Sonhar é nós sentirmos coisas de nós próprios".⁴⁷

Evidentemente, se o sonho se relaciona com a revelação do *eu*, não deixa também de potenciar a imaginação do sujeito. E ela é pródiga no *Cancioneiro*. Os sujeitos poéticos, não fugindo ao tópico literário do *ser ou não ser*, tanto se imaginam numa interioridade ensimesmada – qual desejo de regresso à origem ("Eu gostava de ser/ um pintainho/ para viver dentro do ovo"⁴⁸) –, quanto demonstram que a curiosidade supera os demais desejos, pois, nisto de viver, importa conhecer os outros, o mundo, o "tudo", nem que para isso se tenha de ser um objecto substituto dos olhos:

O QUE EU GOSTAVA DE SER

Uma janela
porque abria e via tudo.⁴⁹

É assim que, numa luta constante entre imaginação/desejo e pensamento/razão, ora é evocada uma alegre agitação física, característica da infância e personificada num elemento da

natureza ("Se eu fosse água.../ fazia cambalhotas"⁵⁰), ora a razão (e correlativa declaração de amor filial) acaba por imperar sobre o desejo:

QUERIA SER

Eu queria ser o que sou
senão não via a minha mãe.⁵¹

Considerações finais

De tudo o que afirmei, concluo que os textos destas crianças com idades entre os dois e os seis anos glosam temas da poesia universal. Iluminados, inclusive, por tópicos literários intemporais, perpassam nos poemas do Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa a memória da origem da vida (e subsequente imagem da mãe), o tema da família, o tema da passagem do tempo (até à morte), contendo a inseparável incursão pelo tópico das *idades do homem*. Perpassam neles, ainda, o tema da natureza e temas sociais de diversos cambiantes. E nem sequer fica esquecido o tema da reflexão metapoética. O tema do sonho surge associado à expressão de desejos, numa dialéctica com o exercício do pensamento reflexivo.

Como vimos nos exemplos escolhidos, do ponto de vista formal, jogos de homonímia, que redundam numa ambiguidade semântica, surgem aliados, por exemplo, ao uso certo de diminutivos, potencializando o discurso. Numa linguagem carregada de expressividade, encontramos figuras de estilo várias (CEIA, 2009): de dicção (aliterações, neologismos, onomatopéias); de construção morfossintáctica (a anáfora, a enumeração, o polissíndeto, o zeugma); e de pensamento (a antítese, a apóstrofe, a hipérbole, a paródia). Encontramos tropos retóricos, designadamente, animismos, personificações, comparações, metonímias, sinestésias, distinguindo-se neles, inequivocamente, a metáfora.

⁴⁵ Renato Silva, 4 anos. Nuclisol Jean Piaget, Lourosa (CIJ, 2008, v. XIV, p. 31).

⁴⁶ Inês Figueiredo, 4 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Vila Real (CIJ, 2014, v. XVII, p. 97).

⁴⁷ Luís Fernandes, 6 anos. Colégio Santiago, Portela de Carnaxide (CIJ, 2014, v. XVII, p. 150).

⁴⁸ Manuel Pina, 3 anos. Escola Piaget, Caldas da Rainha (CIJ, 1992, v. IV, p. 12).

⁴⁹ Andreia, 5 anos. U.D.I. / Nuclisol Jean Piaget, Vila Real (CIJ, 1996, v. VII/VIII, p. 134).

⁵⁰ Sandro Dias, 3 anos. U.D.I. / Nuclisol Jean Piaget, Chelas (CIJ, 2000, v. X/ XI, p. 36).

⁵¹ Maria João, 4 anos. U.D.I. / Nuclisol Jean Piaget, Arcozelo (CIJ, 1996, v. VII/ VIII, p. 73).

É assim possível comprovar que, a par da exploração das potencialidades da língua, estes meninos-autores olham para (e pensam) as coisas/o mundo e, num jogo de sensações, emoções e sentimentos, e de imaginação, observam-se a si próprios, revelam-nos a sua subjectividade.

A terminar, transcrevo dois poemas. Eis o primeiro: "Quando falamos... temos voz".⁵² Esta verdade universal conviria não ser esquecida; como conviria não esquecer que a poesia é, porventura, o registo mais nobre da fala humana. O segundo poema que transcrevo é este: "Nós somos pessoas inventados/ por um programa que nunca existiu...".⁵³ Nele, o sujeito, usando o plural "nós [pessoas]", a que se segue uma imaginativa silepse de género ("inventados"), proclama a singularidade do Homem – a de que nenhuma tecnologia o substituirá.

Em verdade, também não creio que haja "programa" algum que consiga criar texto poético, inventando, construindo, relacionando imagens, afinal, gerando poemas como os que aqui recordei. São textos de crianças-autores, sobre temas universais, feitos por pessoas capazes de "telrem] voz", de conferirem novos sentidos às palavras, de se desvelarem de modo lírico. Dito de outra forma: o Cancioneiro Infanto-Juvenil para a Língua Portuguesa, do Instituto Piaget, representado nestes dezassete volumes, é um excepcional cancionero da criança-poeta.

Referências

- ANDRADE, Eugénio de. Poética. In: *Poemas de Eugénio de Andrade*. O homem, a terra, a palavra. Apres. crítica, sel. notas e sugestões para análise literária de Paula Morão. Lisboa: Seara Nova; Editorial Comunicação, 1981.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *Eu moro na minha mãe*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. v. I.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *Trouxe-te um beijo no bolso*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. v. II.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *Se eu fosse lua fazia uma noite*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. v. III.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *O sonho vem pela cabeça*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. v. IV, V.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *Sou um corpo para dois de mim*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. v. VI.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *O livro é uma história com boca*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. v. VII, VIII.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *A poesia é feita aos molinhos ou em verso*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. v. IX.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *Silêncio é o barulho baixinho*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. v. X, XI.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *Um livro é... uma árvore de histórias*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. v. XII.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *A minha vida é uma memória*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. v. XIII.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *A casa do sol é a cor azul*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. v. XIV.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *Amo de ti*. Lisboa: Instituto Piaget, 2010. v. XV.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *Rimar é remar*. Lisboa: Instituto Piaget, 2010. v. XVI.
- CANCIONEIRO INFANTO-JUVENIL PARA A LÍNGUA PORTUGUESA. *As pessoas são sementes que crescem e não precisam de vento para mexerem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2014. v. XVII.
- CEIA, Carlos. s.v. Figuras de estilo. *E-dicionário de termos literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/figura-de-estilo/>. Acesso em: 19 dez. 2019.
- DUFRENE, Mikel. *Le poétique*. 2. ed. Paris: PUF, 1973.
- MAGALHÃES, Violante F. Do fazer poético da infância: 'uma coisa que não é a mesma coisa mas é igual'. *Navegações*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 211-217, 2018. <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2017.2.29794>
- MENÉRES, Maria Alberta. *O poeta faz-se aos 10 anos*. Porto: Porto Editora, 1984.
- SILVA, Vitor Manuel Aguiar e. *Teoria e metodologia literárias*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

⁵² Djile Ipak Kartal, 3 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, S. João da Talha (CIJ, 2010, v. XVI, p. 25).

⁵³ Rui Paulo Filipe Magalhães, 5 anos. U.D.I./Nuclisol Jean Piaget, Mirandela (CIJ, 1996, v. VII/ VIII, p. 118).

Violante F. Magalhães

Doutora em Estudos Literários pela Universidade de Lisboa (ULisboa), em Lisboa, Portugal; professora na Escola Superior de Educação João de Deus, em Lisboa, Portugal.

Endereço para correspondência

Violante F. Magalhães
Avenida Infante Santo, 345, r/c Dtº
1350-177
Lisboa, Portugal

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.